

## MEMÓRIAS E CIDADANIA: NOTAS DE PESQUISA SOBRE OS FLUXOS MIGRATÓRIOS DE TRABALHADORES PARA O TRIANGULO MINEIRO.

Paulo Roberto de Almeida\*

O objetivo do trabalho compreender aspectos da vida dos trabalhadores da cana que envolvem diferentes momentos e elaborações. Tais como a partida do local de origem, a chegada à região, a busca do emprego, o desemprego, o estudo dos filhos, a saúde da família, a saudade da terra natal, o sonho da estabilidade, a projeção de uma vida sem privações e de outras dimensões do viver que fazem parte do universo de relações sociais vivenciadas nas trajetórias desses trabalhadores.

As relações entre o discurso do agronegócio e a narrativa dos trabalhadores revelam a luta de classes<sup>1</sup> compreendida e sentida na pele dos trabalhadores. As desigualdades reproduzidas pelo agronegócio hierarquizam a sociedade em capitalistas e trabalhadores, ao mesmo tempo em que essa atividade degrada o meio-ambiente, cujos efeitos são sentidos, majoritariamente, pela classe trabalhadora<sup>2</sup>.

O discurso oficial (da classe dominante) enumera as mudanças no modo de produção e nas relações de trabalho no setor sucroalcooleiro como algo essencial para a subtração dos problemas sociais e ambientais. Uma peculiaridade da “indústria” canavieira, observada pela pesquisa já desenvolvida, diz respeito à introdução, nestes anos (com a totalização em 2012), da maquinaria no corte da cana; introjetada em nome de uma política (ética) ambiental, que, por fim, parece definir uma redução de oportunidades para muitos trabalhadores safristas.

Esse discurso pseudo-ético-ecológico tem origem na disseminação de uma ideologia comprometida com as classes dominantes, bem como aparta,

---

\* Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia, INHIS, na graduação e no programa de pós-graduação (Mestrado e Doutorado), Linha Trabalho e Movimentos Sociais.

<sup>1</sup> “É sempre conveniente lembrar que, para o marxismo, as classes sociais se definem a partir do lugar que os indivíduos ocupam nas relações de produção, mais precisamente pela posição perante os meios de produção (proprietários/não-proprietários)”. FREDERICO, Celso. Proletarização geral. In: TEIXEIRA, Francisco; FREDERICO, Celso. **Marx no século XXI**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169.

<sup>2</sup> RIBEIRO, Helena. Queimadas de cana-de-açúcar no Brasil: efeitos à saúde respiratória. *Revista Saúde Pública*. 2008, vol.42, n.2, pp. 370-376. <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v42n2/6804.pdf>, pesquisado em 30/01/2010.

equivocadamente, o homem da sua condição de ser biológico.<sup>3</sup> Conseqüentemente a substituição do homem pela máquina causa inúmeros desempregos, portanto, ao trabalhador resta a contínua crise de sua condição de classe ora subempregado ora desempregado, ou quando, devidamente empregado resta-lhe o temor pela possível demissão. O trabalhador safrista em si elenca a crise contínua da classe e a dependência da organização territorial e regional, somada aos agravantes de sua condição biofísica, por causa do excesso de trabalho, moradias insalubres e alimentação inadequada.<sup>4</sup>

Neste sentido, a pesquisa no ano de 2010 buscará elementos para compreender as múltiplas dimensões do “trabalhar por safra”, ou seja, como que os trabalhadores migram e como que essas condições influenciam no labor, no cotidiano e nas memórias narradas em confronto com a opressão dos usineiros do setor sucroalcooleiro camuflado em forma de emprego (ou melhor: subemprego). Analisaremos em conjunto o processo migratório destes trabalhadores, sublinhando as origens regionais e seu deslocamento até o Triângulo Mineiro, bem como a comparação destas condições de trabalho com diversos outros países.<sup>5</sup>

Além disso a pesquisa tem como centralidade compreender a diferença dos discursos oficiais e das narrativas dos trabalhadores a partir da relação da “preocupação” com o meio ambiente e com a mecanização do setor sucroalcooleiro. Ambos os fatores são constituintes das organizações e relações sociais vividas entre/pelos trabalhadores, e, quando narrados pelos trabalhadores, enfocam dimensões e definições de classe.

---

<sup>3</sup> “Daí que o ponto de partida para entender o comportamento do ser humano com o ambiente não seja entender a análise ecológica para abranger a sociedade humana, mas entender como cada forma de organização econômica da sociedade humana explica um determinado tipo de relacionamento ecológico”. FOLADORI, Guilherme. O capitalismo e a crise ambiental. **Revista Outubro**. N. 5, 2001. p. 123.

<sup>4</sup> FREDERICO, Nilce; MARCHINI, Júlio S.; OLIVEIRA, José Eduardo D. Alimentação e avaliação do estado nutricional de trabalhadores migrantes safristas na região de Ribeirão Preto – SP. *Revista Saúde Pública*. São Paulo, 18: 375-81, 1984.

<sup>5</sup> Um caminho para a interlocução se dá pelo desenvolvimento da pesquisa: NADA ENRAIZA NUM LUGAR SÓ Memórias e Globalização: um estudo sobre os trabalhadores da ThyssenKrupp Campo Limpo Paulista/SP, Santa Luzia/MG e Ibitiré/MG (1957-2009), que trata da precarização do trabalho e mudança nas relações de produção e de vida de trabalhadores daquelas empresas. Os autores deste texto, conjuntamente com professores da PUC/SP e Unioeste - Campus Marechal Cândido Rondon, participam de tal pesquisa, financiada pelo Cnpq (Edital Universal/2009), que engloba pesquisadores e instituições de outros países.

**Paulo Almeida:** E agora você falou da mecanização. O que é essa mecanização Eurípedes?

**Eurípedes:** Hum... é um ponto preocupante. No início plantava-se cana com mão de obra (as pessoas), ganhava-se dinheiro... ganhava-se dinheiro. (Hoje), por exemplo, ganha dinheiro... é os usineiros que ganha dinheiro. Plantava cana, cortava cana, capinava cana, dava combate na cana. Hoje em dia não. Hoje em dia já tem uma máquina que planta, têm várias máquinas que colhem, têm os aviões que dão combate. Os tratoristas... quase num tem... quase tudo mecanizado e a mão de obra foi sumindo, quase que hoje... eu creio que nós tamo aqui na minha região... a previsão é de setenta e cinco por cento esse ano... é setenta e cinco por cento mecanizado, onde se tinha mil pessoas vai ter duzentas e cinquenta, então setenta e cinco por cento... é cada vinte e cinco e...

**Paulo Almeida:** Essa mão de obra que permanece, é uma mão de obra especializada?

**Eurípedes:** Isso... justamente essa mão de obra que as usinas necessita... Isso..., essas pessoas, nem se a gente quiser absorver ela... é impossível porque pega uma colhedeira aí de um milhão de reais... o cara tem que ter curso. O trabalhador que tem trinta anos... na média vinte a quarenta anos (na média)... pra ele aprender tocar, ele vai ter que estudar cinco anos. Então fica impossível reaproveitar. É impossível nos equipamentos que tem aí... até o que gasta muita gente: uma colhedera vai gastar aí em torno de dez a quinze pessoas... de dez a quinze especializada... essas pessoas que nós temos mal... mal (oitenta por cento) tem a quarta série antiga... que não é a de hoje não. Impossível aproveitar esse pessoal.<sup>6</sup>

A mecanização parece em primeira instância um problema de fácil compreensão: a transferência da mão de obra humana para máquinas implica em uma diminuição do número de trabalhadores, precarização do trabalho agrícola, resultando colateralmente no esvaziamento das cidades - fator que provocará em médio prazo a diminuição de vendas e prestação de serviços, organizadas pelos moradores “antigos”. Mas uma visão simplificadora de “substituição” homens por máquinas, por vezes, pode desconsiderar valores sociais e inerências de atividades produtivas, em diversos períodos históricos, em nome de uma justificativa que tem o lucro como “fiel da balança”. Segundo Foladori<sup>7</sup>: “A lei de substituição de homens por máquinas é conhecida como tendência ao crescimento da composição orgânica do capital”. Isto

---

<sup>6</sup> ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, S. P. ; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira. op.cit, 2009.

<sup>7</sup> FOLADORI, Guilherme. O capitalismo e a crise ambiental. **Revista Outubro**. N. 5, 2001. p. 120.

significa o aumento da produtividade do trabalho, mas não a distribuição equitativa de renda, uma vez que a mais-valia é constante.

Estes problemas relacionados anteriormente são praticamente anulados mediante os discursos oficiais que partem de uma pseudo-ética-ecológica, isto é, no que diz respeito à cultura da cana encontra-se de modo subjacente a instituição de discursos em dimensões nacionais e internacionais sobre a diminuição de poluentes, a implementação de energia limpa, entre outros.<sup>8</sup> Por um lado estes elementos discursivos se vinculam à utilização do etanol em automotores e a suposta melhoria da qualidade de vida nas cidades, também é observado a própria produção do combustível, no que diz respeito, entre outros, a ser renovável, por outro lado o discurso oficial esbarra na narrativa dos trabalhadores que enumeram problemas em diferentes escalas.<sup>9</sup> Destacamos ainda, como parte da pesquisa, o questionamento quanto à inviabilidade da cultura da cana por impossibilitar o plantio de outras culturas, principalmente alimentares no Triângulo Mineiro.<sup>10</sup> É nosso desafio compreender as transformações urbanas decorrentes destas mudanças produtivas no campo, pois essas vão à contramão do pensamento clássico<sup>11</sup>, já que não é mais a cidade que dita o ritmo ao campo, o cenário indica um movimento dialético entre o campo e a cidade materializado nas transformações rurais, urbanas,

---

<sup>8</sup> São muito comuns na internet artigos sobre o poder de constituir uma energia limpa e renovável através da cana-de-açúcar. Para indicar visão do atual governo brasileiro, em plano de zoneamento agroecológico desta cultura, ver, entre outros, LABOISSIÈRE, Paula (Repórter da Agência Brasil). Podemos ter matrizes energéticas menos poluentes, diz Lula sobre a cana-de-açúcar, em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2009/09/21/materia.2009-09-21.9364265256/view>, pesquisado em 25/01/2010.

<sup>9</sup> Em conjunto a estas dimensões “limpas” da produção de cana, principalmente no que tange à concorrência e a possibilidade de venda do produto no mercado internacional, somam-se denúncias de trabalho escravo, ou análogo à escravidão, e referências a mortes de trabalhadores por exaustão em diferentes regiões do país. Certamente trata-se de um elemento muito importante, mas, no momento, não temos evidências (elencadas na pesquisa) sobre estes temas

<sup>10</sup> De mesma monta, os prós e os contras sobre estes temas são facilmente localizáveis em diversos textos, tabelas, discussões correntes na internet como não tratamos diretamente deste tema em nossa pesquisa, apenas indicaremos um demonstrativo do debate: <http://www.seplan.go.gov.br/energias/livro/cap14.pdf>, pesquisado em 28/01/2010.

<sup>11</sup> “[...] as definições elaboradas sobre o campo e a cidade podem ser relacionadas a duas grandes abordagens: a dicotômica e a de continuum. Na primeira, o campo é pensado como meio social distinto que se opõe a cidade. Ou seja, a ênfase recai sobre as diferenças existentes entre os espaços. Na segunda, defende-se que o avanço do processo de urbanização é responsável por mudanças significativas na sociedade em geral, atingindo também o espaço rural e aproximando-o da realidade urbana”. MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra Livre**. São Paulo, n. 19, p. 100. Ver também: LÊNIN, Vladimir. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**. Parte XI: A completa separação entre a indústria e a agricultura. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 338.

produtivas e na vida dos trabalhadores. Tais mudanças são justificadas em nome do lucro, do suposto bem-estar social e ambiental.

Como ponto esclarecedor a entrevista de Eurípedes comenta como a defesa do meio ambiente aparece no fator “mecanização”, interpretando o assunto sempre dentro de uma perspectiva de classe social:

**Paulo Almeida:** Agora você acha que isso tem relação com aquela discussão que foi feita no Triângulo da autorização pra implantação das usinas, mas ao mesmo tempo tenho a proibição das queimadas?

**Eurípedes:** Com certeza. Eu vou falar uma coisa aqui que as vezes vão me massacrar por isso né? Defendo o meio ambiente, acho que tem tudo a ver. Mas as queimadas não é o mais importante na cana-de-açúcar. Não é o problema principal da cana-de-açúcar... Enquanto eles estão vendendo assim não se pode queimar. Por que...? Mas aí eles pega e me dá outorga pra sugar os rios... sugar as águas... isso vai depredar mais o meio ambiente. Eles pegam jogam agrotóxico... de tudo quanto é tipo nas lavouras, nas nascentes... e eles não falam isso. Os promotores é... fala: “vamos proibir as outorgas”, “vamos cortar as águas”..., “não usar tipo X de herbicida”... mas eles proibiram as queimadas, que reflete na questão social. Tem X pessoas que dependem dessa queimada, é um problema do meio ambiente, mas tem outros que eles não olham... não é o problema principal do meio ambiente essas queimadas na cana não, tem outras coisa que prejudicam muito mais.<sup>12</sup>

Temos percebido que a pretensa neutralidade e o presumível consenso em torno do que pensamos ser a defesa ou a preservação do meio ambiente, pelo menos em relação à cana e seus derivados, firma-se sobre pontos em que há maior demanda de trabalhadores, e onde conflitos, reivindicações, paralisações e greves ocorrem com maior intensidade.

Diferentes tensões e disputas são evidenciadas entre trabalhadores braçais, e outros funcionários mais qualificados, que geralmente possuem funções de inspeção e registro da produção. Por meio deste cenário conflituoso compreendemos a crise permanente dos trabalhadores e suas condições empregatícias a margem das normalidades éticas, profissionais e biológicas, trata-se, portanto, de um “subemprego” no qual o trabalhador é explorado drasticamente em todas as suas dimensões.

---

<sup>12</sup> ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, S. P. ; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira. op.cit, 2009.

Além de liberar mão de obra da produção de cana, principalmente no que se refere à queimada, ao plantio e à colheita, a mecanização tem instituindo atividades intermitentes - desvinculadas de registros, contratos por safras ou por outros mecanismos que asseguram (ou asseguravam) garantias posteriores aos sazonais, como por exemplo, o seguro desemprego.

Até o momento, talvez por falta de uma melhor definição, chamamos estas outras atividades de “subemprego”. Percebe-se que na imprensa local – “responsável” regional pelo discurso oficial - (Jornal Correio de Uberlândia) estas funções (“pesadas”) são tidas como complementares à produção com máquinas:

“[...] Em Canápolis, município no Pontal do Triângulo, que tem cana até no nome, a presença das bituqueiras chama atenção na paisagem da colheita na sexta maior cidade produtora de Minas Gerais. Para trabalhar das 7h às 15h, com direito a uma hora de almoço, elas recebem diárias de R\$ 23,30. O trabalho é literalmente pesado. Depois que a colheitadeira passa pelas ruas (espaçamento entre as linhas de cana) são colhidas, em média, cerca de 90 toneladas de cana por hectare (10 mil metros quadrados). O peso equivale a quatro cargas de treminhão. No entanto, sempre restam muitos talhos que a máquina não consegue cortar, por causa da formação da planta. “Muitas deitam”, afirmou o encarregado de produção Edílson Donizete Mendonça, o Carrasquinho. [...] São 41 bituqueiras na equipe comandada por Carrasquinho. Em média, cada uma carrega cerca de 170 quilos por hectare. Em um dia de trabalho, a equipe chega a percorrer 200 hectares. [...] Em áreas que ficaram muitas plantas para trás depois que a colheitadeira passou, cada bituqueira chega a carregar 800 quilos de talhos, por dia, que são amontoados para os tratores carregarem até os treminhões. “O que as máquinas não fazem, a gente faz”, afirmou a bituqueira Luiza Helena de Carvalho [...]”.<sup>13</sup>

Entendemos que existe uma diferença de força, de função e de localização no trabalho, entre as bituqueiras e os que lidam com a colheitadeira, e, “provavelmente”, entre as trabalhadoras e seu chefe de equipe, o encarregado de produção Edílson Donizete Mendonça, o Carrasquinho.

Entretanto, ficamos apenas imaginando os motivos do pseudônimo e como as relações de trabalho, de pagamento e de “produção” se desenvolvem durante o processo de colheita.

---

<sup>13</sup> FERNANDES, Arthur. CORREIO DE UBERLÂNDIA, op. cit, p. A6. Economia.

Não temos como fazer uma analogia entre tais dimensões. Pois a imprensa não nos apresenta a atividade em conjunto com as demais relações, ganhos e hierarquias estabelecidas no processo de produção do açúcar e álcool.<sup>14</sup> Sob efeitos de um “*sol escaldante*” e de quilos de feixes de talhos, as trabalhadoras foram apresentadas aos leitores do jornal, de um domingo, a partir de suas subjetividades e de seus “toques femininos”, deixando-nos distantes do que uma tradicional sociologia (ou historiografia) do trabalho esperaria encontrar como exploração direta de mais-valia, ou algo semelhante.

“[...] Depois da bóia-fria na marmita, sempre dividida entre as colegas, é hora de pegar no batente novamente. O toque feminino não falta mesmo no trabalho árduo (e árido) da colheita da cana. Elas não descuidam da pele e passam protetor solar no rosto e nos braços. [...] A roupa cobre todo o corpo, e há também protetores (perneiras) contra insetos peçonhentos e cobras. [...] Em comum, a maioria das bituqueiras tem sua origem no trabalho no campo. Algumas são migrantes do Nordeste, como a baiana Maria Zélia Silva. A supervisora Cilda Alves, porém, é exceção. “Caloura” entre as bituqueiras, está na atividade há menos de um mês. ‘Trabalhei no PSF (programa Saúde da Família) de Canápolis, por oito anos, mas mudou o prefeito e perdi meu emprego’, disse. Ela é quem coordena as bituqueiras e não precisa fazer tanto esforço físico quanto as demais. ‘No começo tive dificuldades, mas agora já estou me acostumando. Que atrapalha são os bichos. Tem cobra, rato, insetos’” [...]<sup>15</sup>

Mesmo com as intenções de qualificar como comum a “todas” àquelas mulheres, um árduo trabalho que faz com que trabalhadoras de origem rural carreguem em média sete toneladas de “restos” de cana por dia, notam-se diferenças entre a baiana Maria Zélia Silva e a supervisora Cilda Alves, caloura, recém desempregada de um cargo político na cidade de Canápolis. Mas como estas dimensões traduzem relações de dominação e de classe social?

As evidências a respeito da noção de exploração não estão dadas de modo fácil. Por um lado, as operações da justiça do trabalho, e as pactuações<sup>16</sup> em relação ao

---

<sup>14</sup> *ibidem*, p. A6.

<sup>15</sup> FERNANDES, Arthur. Canápolis. Um certo toque feminino não poderia faltar. *CORREIO*. 31 de maio de 2009, p. A6.

<sup>16</sup> Ver entre outros: *CONTRATO DE SAFRA: manual*. Brasília: MTE/SIT, 2002.

combate a escravidão, vem criando documentos e expressões que registram melhorias de previdência, segurança e de salubridade aos trabalhadores.

Por outro, a presença de cursos preparatórios, conscientização dos direitos à segurança, à jornada de trabalho etc., advindos a partir de atividades sindicais e influências partidárias - tal como pudemos verificar em contato com os sindicatos da região em especial em Centralina, pequeno município na divisa com o estado de Goiás.

E um terceiro aspecto diz respeito às falas dos próprios trabalhadores. Principalmente àqueles que não trabalham diretamente no plantio e no corte manual, e no recolhimento de bitucas.

Na pesquisa temos nos deparamos com questionamentos que nos fizeram buscar maneiras de clarificar as relações de exploração, e/ou dominação, que estão presentes no fazer-se de tais sujeitos?

Evidências de disputas, de conflitos, de dinâmicas de pertencimento/não pertencimento destacam-se em ações de alguns sindicatos, e, mesmo nas narrativas de alguns sindicalistas, que se tornaram apoio e, no caso das associações, órgãos de recurso (e até recrutamento) de diversos “migrantes”.

A noção de “crise dos trabalhadores” solidifica, de certa forma, na visão dos sindicatos, através dos elementos acima acentuados. Estas situações orientam a definição de um papel sindical interligado à prestação de auxílio e de serviços.

Em entrevista realizada na cidade de Santa Juliana, em maio de 2009, a presidente do sindicato dos trabalhadores rurais, Lílian Bernardes da Silva, discute as funções e utilidades do mesmo.

**Marco Túlio:** E qual é a base do sindicato, o número de trabalhadores filiados ao sindicato?

**Lílian:** Oitocentos trabalhadores

**Marco Túlio:** Oitocentos. E eles não são só de Santa Juliana?

**Lílian:** Não

**Marco Túlio:** Da região?

**Lílian:** Da região, qui predomina o município de Santa Juliana. Tudo qui é do município de Santa Juliana é sindicalizado aqui. Aí no caso a gente tem os do hortifrutigranjeiro, qui é sindicaliz... alguns são sindicalizados aqui. E tem a maioria qui são da Usina. Porque a



sindicalização não é obrigada, o trabalhador só sindicaliza se ele quiser e ele achar bom os benefícios que ele tem perante o sindicato

**Marco Túlio:** Quais são esses benefícios?

**Lílian:** A gente tem o dentista, tem o oculista e tem um médico. E o sindicato também em todas as unidades que tem trabalhador rural a gente presta o serviço de tá lá, de acordo coletivo, que vai decidir o peso né, o peso salarial da categoria. A gente presta serviços em termos de visita na lavoura, olha os EPI's, olha se o transporte tá correto, esses...<sup>17</sup>

A incerteza em arrumar trabalho, ou a necessidade de se recolocar em um ambiente mecanizado, estigmatiza os trabalhadores sazonais como elementos vindos de outros lugares do país. O “ser de fora” de Centralina, para muitos, que como ele, chegaram em busca de trabalho no campo, significa em suas reflexões:

[...] **Paulo Almeida:** E o poder público e as prefeituras dos municípios daqui da região... como é que eles estão lidando com [a presença destes trabalhadores]?

**Eurípedes:** ... As prefeituras e municípios, infelizmente, eles viram as costas... (eu pra ser bem direto) todo município... eles não que nem saber de migrante, não quer nem saber se tem gente aqui... se tem ser humano, se vem criança de lá... quando chega aqui, pra você ter um exemplo, tem uma dificuldade.. (eu mesmo aqui nesse sindicato) você leva gente pra outro município: “ah! Eu vou tira um documento tal”... o cara é lá da barra deles não atende de jeito nenhum. Isso não é aqui não... isso é generalizado, é um problema seriíssimo que a gente têm... você chega no posto de saúde (cada município tem X vagas, né?) tem dez vagas, vinte vagas pra um médico tal. Aí vem cinquenta de lá prá arrancar dente (por que lá quase num tem dentista... aproveita e vai), tem dez baiano na fila... e eles num atende. Aí ele toma a vaga que é do cara do município, que vota aqui, então o problema é sério... não quer nem saber quando a gente fala assim: “que o migrante (aqui mas)... se ele ganha dinheiro... eles querem vender pra ele”... mas a assistência social é falida mesmo, você pode perguntar qualquer um aí.<sup>18</sup>

Em outra ocasião, abordando o mesmo problema o presidente sublinhou o papel do sindicato e da prestação de serviço (necessária na avaliação dele):

**Paulo:** E o sindicato tem dado esse suporte aos trabalhadores? O sindicato tem estrutura? Como é que é?

**Eurípedes:** Estrutura num...mas dentro do possível tem dado sim...a gente vai espreme aqui e vai...tanto é que quando chega...

<sup>17</sup> MORAIS, Marco Túlio Melo. (Acervo da pesquisa) – Entrevista, Lílian Bernardes da Silva. Santa Juliana. Maio, 2009.

<sup>18</sup> ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, S. P. ; RESENDE, R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira. op.cit, 2009.

**Paulo:** Tem médico, dentista?

**Eurípedes:** Tem, temos médicos, dentista, advogados, que é o que principalmente o que a gente tem que tê é advogado e, advogados daqui não pega causa de trabalhadores lá de jeito nenhum. Pode ser trabalhista, se ele for preso ninguém vai atrás deles, só sobra pro nossos advogados, mas temos...temos médicos, temos advogados, temos dentistas, cabelereiro, tudo.<sup>19</sup>

O fato é que, em meados dos anos de 1980, “prepararam-se” para receber os benefícios das Usinas de Cana e com elas o grande afluxo de trabalhadores. Naquele período, moradores construíram pequenos “puxados” em suas residências, para serem alugados; abriram quitandas; além de organizarem-se para o fornecimento de serviços, como o de lavanderia, cozinha, costura etc.

Mas, a organização desta “economia” passou a depender, e a contar com o aumento da cultura da cana e do desenvolvimento da produção de açúcar e etanol. Em um trecho da transcrição da mesma entrevista encontramos a seguinte perspectiva:

**Eurípedes:** [...] tinha muitas lavouras de milho, muitas lavouras de algodão muitas lavouras de arroz tinha muitas, tinha muitos agricultores familiares... se morava muita gente nas roças uma grande maioria morava, mas aí chegou a cana, chegou a cana e isso foi sumino... então, foi engolino, tipo assim uma fazenda que tinha aí cinquenta alqueires ela tinha lá cinco pessoas morando na usina... foi.. alugô e plantô cana até lá onde tinha a casa do cara e aquelas pessoas veio pra cidade. Elas faiz o que? Se ela plantava lá um... trabalhava pra um fazendeiro, ou coisa assim..., plantava lá no fundo uma horta, criava galinha e tal... chegou um aperto aí muito grande, grande maioria já veio pra cidade... então, veio pra fazer o quê? Trabalhar na cana, e que agora tá sem perspectiva então na época tinha muita... plantava-se milho, arroz, feijão, criava galinha e trazia porco pra vender na feira. Hoje até a feira não tem mais aqui, numa cidade pequena aqui... se ocê for na feira ninguém vende galinha... por que não tem... vai criar aonde? Então a usina veio e abafou o município... tipo assim alugou os municípios... então... secô, fechô...<sup>20</sup>

“Secô, fechô”, Eurípedes mostra-nos novamente uma realidade distinta daquilo que, nos últimos 20 ou 30 anos, se constitui em torno do que convencionamos chamar de “Era do Biocombustível”.

---

<sup>19</sup>ALMEIDA P. R. RESENDE, R. C., MORAIS, S. P. (Acervo da pesquisa) – Entrevista Eurípedes Batista Ferreira (Baianinho), Centralina. Julho, 2008.

<sup>20</sup> ALMEIDA, Paulo Roberto de; MORAIS, S. P. ; RESENDE,R. C. Entrevista com Eurípedes Batista Ferreira. op.cit, 2009.

Interessante notar nesta transformação na vida local, aspectos que por vezes passam despercebidos nas análises macros, mas que no dia a dia as vezes ganham contornos dramáticos para quem está inserido neles.

**Paulo Almeida:** ... mas então as usinas compraram essas terras ou elas arrendaram? Como é que foi esse processo?

**Eurípedes:** 80 a 90 % é arrendado aqui na minha região é arrendado a usina tem pouca a própria usina em si mesmo tem pouca lavoura então alugou por 10 anos aquelas pequenas propriedades que tinha 20 alqueires alugo por 10 anos o outro tem 10 alqueires alugo por 10 anos o outro tem cinco alqueires alugo por 10 anos...

**Paulo Almeida:** ... mas é o próprio proprietário da terra que planta a cana? Ou é a usina que...

**Eurípedes:** ...a usina que aluga e plante 100% aqui não tem fornecedores pequenos, nos não temos aqui, aqui o cara aluga e fica amarrado com a usina se a usina não paga a comida dele também não vai comê mais ou menos assim paga-se por mês por seis meses por um ano, tipo faz este contrato de dez anos e...

**Paulo Almeida:** ... então a presença da usina afetou não só a questão do trabalho e trabalhador mas também do pequeno proprietário...

**Eurípedes:** ... do pequeno proprietário hoje nos não temo pequeno mais o pequeno ta aqui na cidade ele ta...ta aposentado que trabalhava aposento e fico só na praça e alugo a terra dele e ta só na praça pescando não tã fazendo nada então a usina monopolizou então ela é dona de tudo praticamente é a prefeita, delegada, juíza do município...

Esse processo histórico conflituoso, com significativas transformações nas relações da vida na cidade, passou a ser o objeto central desta pesquisa. Pois, cada vez que o discurso da “energia limpa”, do “combustível verde”, vem à tona, ele é trazido por professores universitários, químicos, jornalistas, proprietários de indústrias, e não pela perspectiva daqueles que sobrevivem “da” e “pela” produção. Além do mais, estes trabalhadores não “usufruirão” dos “benefícios” destes combustíveis verdes, pois em sua grande maioria não possuem veículos. Enfim, restam aos trabalhadores sua força de trabalho e sua coragem diante da sua situação e da sua classe.

Os problemas do setor sucroalcooleiro são muitos, todavia são maquiados pela ideologia do discurso oficial, as mudanças que ocorreram e ocorrerão tornam os trabalhadores ainda mais refém deste sistema. Diante disso, entendemos que o espaço estudado é composto por sujeitos sociais reais que experimentaram essas mudanças, e viveram (outras) “experiências modificadas” as quais “exerceram pressões na

consciência social existente”<sup>21</sup>, a qual tem indicado que a utilização das nascentes, o uso indevido de agrotóxicos, e de outros elementos da produção, não são questionados porque ainda dependem do trabalho braçal.<sup>22</sup>

De acordo com a elaboração do historiador inglês E. P. Thompson,

A experiência entra sem bater à porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes têm novos modos de pensar em relação ao mercado. Pessoas são presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências gerais, velhos sistemas conceituam podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença.<sup>23</sup>

Retirando-se as “experiências” dos trabalhadores rurais e dos urbanos que vivem de serviços prestados aos primeiros, das análises sobre o meio ambiente, observada na atualidade, subtraem-se os conflitos de classe e as relações hegemônicas se tornam invisíveis. Os trabalhadores, livres de suas “memórias” e “histórias” de exploração, são julgados pelos problemas sociais, pela fome, pela desaceleração da economia, pela desorganização dos serviços urbanos.

Atentar para as “especificidades” do trabalhar na cana-de-açúcar não exime a análise do problema em sua dimensão nacional, e as consciências sociais que estão se firmando através das experiências vividas por estes trabalhadores.

Aos pesquisadores que reafirmam a vitalidade crítica da reflexão histórica<sup>24</sup> cabe investigar e colocar em evidência as dimensões da atualidade na busca dos motivos que fizeram (e fazem) com que o presente se firmasse (firme) da maneira como nós o conhecemos, e enfrentar campos que pareciam distintos das preocupações dos historiadores ligados a História Social.

---

<sup>21</sup> “Não é consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. MARX, Karl. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2006. p. 52.

<sup>22</sup> THOMPSON. E. P., 1981. op. cit. (Introdução). p.16.

<sup>23</sup> ibidem p. 17

<sup>24</sup> KHOURY, Yara. op. cit. 2004. p.116.

Beatriz Sarlo contribui para esta reflexão ao apontar as relações entre História e o passado a partir do **presente** e das questões que este traz aos historiadores e aos sujeitos sociais que o compartilham.<sup>25</sup>

Segundo a historiadora Déa Ribeiro Fenelon,

[...] isto significa colocar as dissidências no centro do foco, o traço oposicionista frente aos discursos estabelecidos, aguçar a percepção das diferenças como qualidades alternativas frente às linhas da tradição e da inércia, descobrindo assim as fissuras no consolidado, as rupturas que podem indicar mudanças e assim permitir o aprofundamento da investigação histórica.<sup>26</sup>

As dissidências possíveis estão apontadas nas narrativas e expressões que revivem as dimensões do trabalhar e da exploração do trabalho que os camponeses e trabalhadores urbanos vivem. Suas histórias demarcam os trajetos que os colocaram naquelas condições de sobrevivência.

Neste sentido a denúncia da “degradação” da condição de vida, de meio ambiente, e de trabalho de milhares de camponeses (e milhões de brasileiros) torna-se hoje o elemento histórico alternativo às práticas de assentimento das condições atuais de empobrecimento, de destruição ambiental, da diminuição de oportunidades de trabalho nas “cidades” e nas fazendas de monoculturas.

Nas palavras de Déa Fenelon,

Queremos pois fazer História com o compromisso social de dar visibilidade a outros sujeitos até aqui excluídos, para que possam recuperar seu lugar, de onde foram excluídos, reavivando suas lembranças e narrativas, por exemplo, consciente de que isto representa uma posição clara e assumida de concretizar uma maneira de fazer História, pois, só assim podemos reescrever outras histórias em que pessoas se reconheçam, uma História que lhes diga algo ou com a qual possa se identificar. (...) Aí está, pois, o nosso campo de atuação, como historiadores comprometidos no social, não apenas interessados em narrar e descobrir o acontecido no passado, mas buscar a transformação no presente e a construção de um futuro diferente do que temos hoje.<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> SARLO, Beatriz. *Um olhar político em defesa do partidário na arte*. In: **Paisagens Imaginárias: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação**. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 55-63.

<sup>26</sup> FENELON, Déa Ribeiro. *História Social, Pesquisa Histórica e a Formação do Profissional de História*. In: Seminário de Pesquisa CEDOC. **Livros de Resumos**. Ilhéus: Editus, 2003. p. 25.

<sup>27</sup> FENELON, D. R. *ibid.*, 2003, p. 24.

É certo que precisamos ainda buscar as múltiplas vozes, as diferentes memórias e histórias sobre o tema que propusemos, ampliando os significados da cultura dos/para os sujeitos, compreender melhor as concepções e limites sobre o consumo, sobre as relações de classe, sobre as diferentes degradações do meio ambiente, dentre outros aspectos.

Neste enredo é que nos deparamos com as narrativas e elaborações dos próprios trabalhadores diante deste processo. Ao ler tais narrativas, é possível perceber que alguns trabalhadores mostram-se interessados em permanecer nestas cidades interioranas, para além dos meses de trabalho. Em algumas entrevistas, encontram-se posicionamentos que ressaltam o valor do viver em uma região hospitaleira, que emprega e fornece recursos para a moradia e para o viver. Estas falas emaranham-se a reivindicações por melhorias nos programas de saúde, na vontade de serem vistos como pertencentes ao local e a melhores condições futuras de trabalho.

Entender as transformações espaciais e temporais por meio da memória dos trabalhadores é verificar os agentes endógenos destes processos de mudanças que afetam sensivelmente o cotidiano e a esperança destes trabalhadores. Bem como, destacar que no sistema capitalista o trabalhador vive em uma constante crise e que essa permite ao sistema capitalista a impossibilidade de mudanças estruturais, a permanência do *status quo*. Compreender o urbano pela produção sucroalcooleira, no Triângulo Mineiro, significa ir além da simples classificação dicotômica urbano-rural, pois esse entendimento possibilita-nos maior apuração das mudanças lembradas e narradas pelos trabalhadores.